



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

20 e 21 de julho de 2024

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (20.07 – 26.07.2024)

Reportagem

“A Vida sob o olhar do Cambirela”

A Vida sob o olhar do Cambirela / Gelci José Coelho / Peninha / Vulcão / Morro do Cambirela / Parque Estadual da Serra do Tabuleiro / Laboratório de Geoquímica / Breno Leitão Waichel / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

Capa AN Revista e Santa Revista

CAMBIRELA
Série de reportagens especiais
traz histórias esquecidas do
morro que é símbolo do Estado
PÁGINAS 3 A 8

DC Revista



A VIDA SOB O OLHAR DO CAMBIRELA

Um dos principais ícones da Grande Florianópolis, Cambirela se transformou ao longo dos séculos em lar dos povos originários, guia na navegação e importante ponto de preservação da fauna e flora catarinense. Série de reportagens da NSC conta histórias relacionadas ao morro que é símbolo de SC

Um gigante de basalto nos observa todos os dias. Da mesma forma, diariamente, milhares de pessoas enxergam sua veste verde-mata. A cabeça, que já esteve branquinha — não pelos milhões de anos que possui —, encontra-se a mais de 1 mil metros acima do nível do mar. Os pés parecem enraizados em águas calmas. Seus caminhos íngremes instigam vertentes em declive, enquanto as veias derramam barulho de cachoeiras. O coração? Desse pulsam nascentes surgidas de entranhas a lubrificar seus contornos e a gerar vidas. Muitas vidas. Vidas que voam, vidas que se arrastam, vidas que pulam, vidas que espiam. Vidas que nem vemos.

Este santuário é o Morro do Cambirela, localizado no município de Palhoça, na Grande Florianópolis, e integrante da Serra do Tabuleiro, em Santa Catarina. Também conhecido como "Kambi-reya" — como diziam os Carijós, povos originários que habitavam a região, e quer dizer muitos seios, em referência aos vários picos do maciço — às vezes é semicoberto por nuvens de algodão.

Há 590 milhões de anos, o Cambirela foi um vulcão que entrou em erupção. As águas termais na região, como em Santo Amaro da Imperatriz, endossam o período vulcânico. Porém, em 2013, o fogo deu lugar ao gelo. Em 23 de julho daquele ano, as manchetes mostraram o maciço coberto de neve, dando ao Cambirela o apelido de "Alpes Catarinenses".

No entanto, nesse cenário de imponência, nem sempre os acontecimentos foram bons. Em 1949, por exemplo, o até então maior acidente aéreo do país teve como palco a mata do morro. A notícia da morte dos 28 ocupantes a bordo de um C-47 da Força Aérea Brasileira assombrou a nação.

Atualmente, o Cambirela pertence ao Parque Estadual Serra do Tabuleiro e é o mais bonito mirante natural da região. Sua exuberância pode ser apreciada em diversas cidades,

como Florianópolis, São José e Santo Amaro da Imperatriz. Ele possui uma altitude de 1.052 metros, o que o torna muito maior que os morros mais famosos do Brasil. O Corcovado, por exemplo, conta com 710 metros; a Pedra da Gávea, 844 metros; já o Pão de Açúcar, 391 metros.

Já em nível internacional, ele é maior que o edifício gigante Burj Khalifa, com 823 metros de altura e 163 andares, localizado em Dubai, nos Emirados Árabes. Isto porque ele é quase 300 metros menor que o Cambirela, pedaço de Mata Atlântica, monumento rochoso e patrimônio nosso de cada dia.

A grandiosidade do morro se mistura à história de Santa Catarina. Seja com a fauna e seus "sapiinhos-raros" ou na imponência que guiou os navegadores durante as cruzadas marítimas, o Cambirela se tornou um símbolo da região da Grande Florianópolis.

REPORTAGEM
ÂNGELA BASTOS
angela.bastos@nsc.com.br

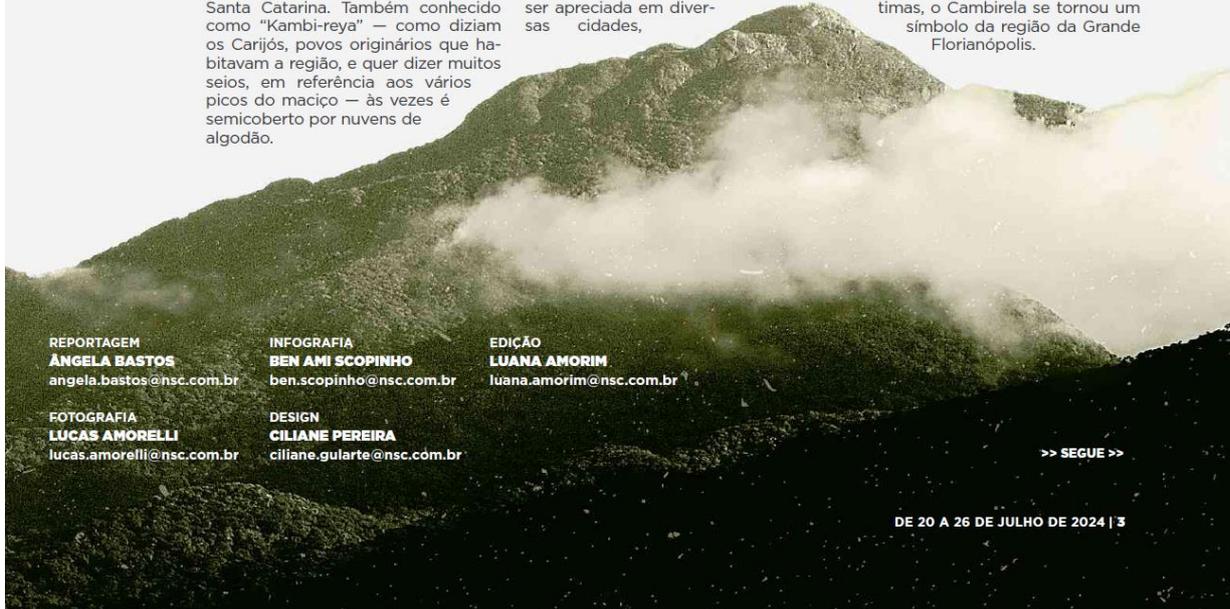
INFOGRAFIA
BEN AMI SCOPINHO
ben.scopinho@nsc.com.br

EDIÇÃO
LUANA AMORIM
luana.amorim@nsc.com.br

FOTOGRAFIA
LUCAS AMORELLI
lucas.amorelli@nsc.com.br

DESIGN
CILIANE PEREIRA
ciliane.gularte@nsc.com.br

>> SEGUIE >>



DO NASCIMENTO ÀS INCURSÕES

Se na lenda das bruxas o gigante está deitado, quando ativo o Cambirela lançou uma cortina de fumaça com cerca de 12 quilômetros de altura e magma incandescente a 800 graus centígrados

A ciência está aí para comprovar. São 590 milhões de anos desde que uma cortina de fumaça de cerca de 12 quilômetros de altura levantou-se do Morro do Cambirela. À medida que as cinzas cobriam a região, magma incandescente a uma temperatura de 800 graus centígrados se esparramava. As pedras sobre a mesa do geólogo Breno Leitão Waichel, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), confirmam o processo vulcânico pelo qual passou o maciço engravado na Grande Florianópolis.

O professor Waichel, que também coordena o Laboratório de Geoquímica da UFSC, explica que o Cambirela é formado por uma rocha vulcânica de composição ácida, o riolito, similar ao granito, do mesmo do Morro da Coroa, na Praia da Armação, ao Sul da Ilha. Essas rochas são consequência da atividade do vulcão, que esteve ativo naquele período. Para o especialista, ambos são uma espécie de testemunhas de uma era.

— Os morros do Cambirela e da Coroa são testemunhas de um evento vulcânico que ocorreu há muito tempo, sem a possibilidade de entrarem em erupção novamente. Ocorre que não existe mais

calor para gerar a erupção — responde o geólogo.

O professor faz outro esclarecimento: diferente do que diz a lenda urbana, as pedras do Itaguaçu, aquelas narradas pelo pesquisador e museólogo Gelci José Coelho, o Peninha, como do Baile das Bruxas, não foram ‘cuspidas’ ou injetadas pela erupção do vulcão.

— Tanto o Cambirela como os granitos do entorno, pertencem ao mesmo sistema ígneo, chamado de plutônico-vulcânico: quando se tem um vulcão ativo na superfície da Terra, embaixo dele o magma fica armazenado em câmaras magmáticas. Quando essa câmara enche muito, o magma é injetado para a superfície, e temos a formação do vulcão. O Morro do Cambirela é a parte vulcânica, que chegou até a superfície e as pedras do Itaguaçu seria a parte plutônica, que solidificou em sub-superfície formando granitos — pontua.

Existe, ainda, outra curiosidade relacionada às águas termais no entorno do Cambirela. Em alguns lugares, como spas e parques aquáticos na região da Grande Florianópolis, a água brota das rochas a uma temperatura de 39°C. O fenômeno resulta de um sistema de fraturas geológicas por

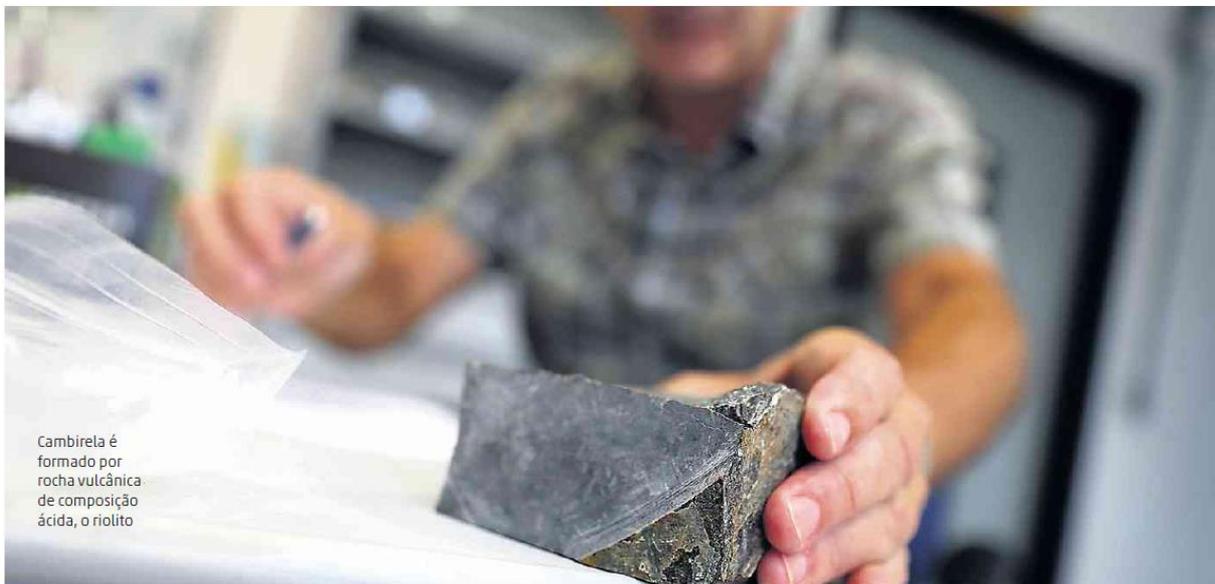
onde a água da chuva se infiltra e desce por alguns quilômetros até ser aquecida e depois retorna à superfície.

Este sistema de fraturas ocorre em toda a Serra do Tabuleiro, e em pontos específicos temos as fontes termais.

A lenda segue viva. Dependendo do local que se encontre, tem quem aposte ver cabeça, nariz, pescoço, tronco, pernas e pés do “gigante adormecido” Cambirela. A causa não seria exatamente preguiça, mas uma reação por ter sido excluído de uma festa. Contam que, certa vez, as bruxas organizaram uma grande comemoração na praia de Itaguaçu, com todos os personagens folclóricos convidados, exceto o diabo.

O “bruxaredo” não suportava o cheiro de enxofre e as atitudes antissociais do “Coisa Feia”. O gigante, obrigado a acompanhar a festa de longe, chorou tanto que suas lágrimas viraram mar, tendo ele se jogado de costas no chão.

Apesar de grande, o gigante nunca mais conseguiu se levantar. Mas soube se vingar: bruxas foram petrificadas e usando a imaginação dá para “ver” em Itaguaçu...



Cambirela é formado por rocha vulcânica de composição ácida, o riolito

A LIGAÇÃO COM O SAGRADO

O Cambirela também já foi chamado de “Kambi-re-ya”, como diziam os Carijó que habitavam a região. A palavra significa muitos seios, em referência aos vários picos do maciço, às vezes, semicoberto por nuvens a modo de algodão.

Eliara Antunes é cacica na aldeia Yaka Porã, que faz parte da comunidade do território indígena Morro dos Cavalos, em Palhoça, na Grande Florianópolis. Pode-se dizer que é vizinha do Cambirela. Também é coordenadora estadual da Comissão Guarani Yvyrupa, organização indígena que congrega coletivos do povo Guarani nas regiões Sul e Sudeste do país na luta pela terra.

Para ela, quando se fala no Cambirela, vem à mente a figura de um corpo feminino que, com seus seios, amamentou, remetendo à mãe terra.

— É algo ligado ao sagrado. O Cambirela sempre esteve presente para nós, pois o Guarani é o povo do litoral. É uma montanha e, como todas, encantam. Por isso, todas as pessoas que descem para o litoral catarinense se encantam e não têm mais vontade de voltar. Para nós, significa a nossa história, a nossa vida, o nosso planeta, o nosso mundo — diz.

A ciência que estuda os vulcões mostra que, antes de uma erupção, costuma-se ouvir um estrondo, como um trovão, seguido de tremores de terra. Na explosão violenta, pedaços de rochas são jogados a quilômetros de distância. Ainda que grandes, parecem pedrinhas voando pelo ar. O vulcão joga a lava para fora, que escorrega pela montanha de fogo, atingindo tudo ao redor.

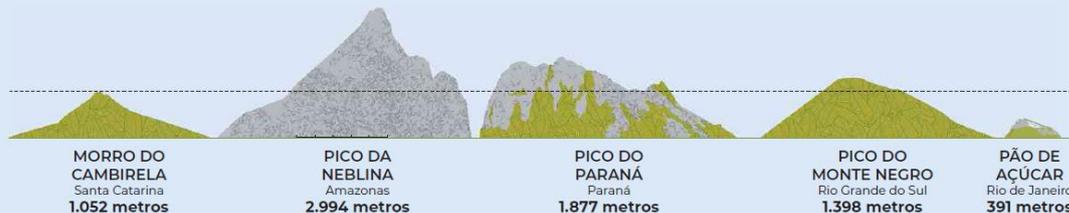
De certa forma, os Guarani pensam em algo parecido mas, dentro da espiritualidade, acreditam que do Cambirela sopram sementes para fecundar a terra:

— Como mulher Guarani, eu sinto o Cambirela como um berço de vida. Todos os dias, ao longo de todo esse tempo, pássaros saem e voltam, com muitas sementes, de vários tipos, de tantos lugares. Por isso, a gente entende ser um berço, onde todas as sementes vão brotar um dia.

Cacica Eliara Antunes, da aldeia Yaka Porã, vizinha do Cambirela

>> SEGUIE >>

COMPARANDO COLOSSOS



REFERÊNCIA A NAVEGADORES E INSPIRAÇÃO PARA PINTORES

Coube a Afonso Taunay, nascido em Florianópolis, comparar em uma viagem de volta o cenário do Cambirela e do Tabuleiro com Mangaratiba, Angra dos Reis e São Sebastião, no RJ. Morro foi inspiração também para obra do artista catarinense Victor Meirelles

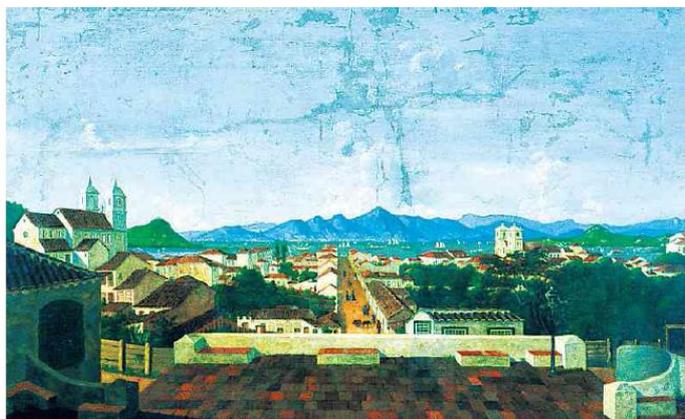
Desde sempre o Cambirela representou certezas e alívio. Para os navegantes, a presença monumental do morro significou proximidade com a Ilha de Santa Catarina. Se o destino era o Sul, aproximavam-se do Farol de Santa Marta, inaugurado em 1891, sendo o Cabo de Santa Marta, em Laguna, o ponto mais oriental da região. Se a direção era o Norte, podiam sentir-se mais seguros nas águas calmas das baías.

Um desses navegantes foi Afonso d'Esagnolle Taunay, professor, historiador e tradutor, nascido em 1871 na antiga Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis. De dentro do navio Almirante Alvin, em viagem de regresso à terra natal, escreveu sobre como era o visual quando o vapor começava a navegar nas águas mansas. No texto "Revendendo a terra natal", publicado no *Jornal República*, em 9 de outubro de 1928, Taunay diz:

"Iamos lentamente avançando as largas baías e as abaras aprazíveis se enfileiravam-se em uma e outra margem daquele estreito defrontando as mansas colinas da ilha as grandes montanhas cerradamente verdes do Continente... Para o Sul, iam se elevando as montanhas da Terra Firme e as da Ilha, em direção aos maciços imponentes do Ribeirão do Taboleiro e da Cambirella". Esbate-se-lhe o perfil esgalgado a direita do observador, sobre o maciço grandioso da Serra do Mar que aqui tem raríssima imponência, digna de se comparar as mais alterosas paisagens de nossa costa, mesmo na região guanabarina. O aspecto do maciço do Cambirela e o Taboleiro, plano como um cesto de gávea, cobertos de densa floresta com suas bases quase beijadas pelo mar, ostenta a magnificência dos cenários de Magaratiba de Angra dos Reis, de São Sebastião, de que tanto se aproxima".

MORRO VIROU ATÉ QUADRO

A exuberância do Cambirela também



Obra "Vista do Desterro" que mostra, aos fundos, o majestoso Cambirela

chamou a atenção de artistas estrangeiros que passaram pela região, mas também do conterrâneo Victor Meirelles, que pincelou o morro em um dos seus quadros.

As primeiras imagens do Brasil foram produzidas por artistas viajantes. Da Ilha de Santa Catarina também. Mas, antes dos primeiros exploradores europeus aportarem, no início do século 19, todo o litoral catarinense era ocupado pelos Carijó, pertencentes à nação Tupi-Guarani. Esses indígenas viviam em pequenas aldeias e sua base alimentar era a caça e a pesca e o cultivo de milho e da mandioca. Possuíam um artesanato diversificado de redes, esteiras, cestos, cerâmica, armas em pedra polida, madeira, fabricação de bebidas. Porém, foram perseguidos pelos bandeirantes para o trabalho escravo, e quase dizimados.

No século 18, há registros de viajantes que não eram pintores, mas de naturalistas de formações diversas. Quase todos os registros foram coletados no livro organizado por Paulo Berger (1984) chamado *Ilha de Santa Catarina - Relatos de viajantes estrangeiros (séculos 18 e 19)*. George An-

son, comandante de uma esquadra inglesa, chegou a Santa Catarina em 1740, e escreveu que, de longe, havia o melhor porto de abrigo em toda a costa brasileira. A descrição da ilha é riquíssima em detalhes. A fauna e flora estão presentes em muitas obras, como em *Entrada Norte da Ilha de Santa Catarina* (1740, George Anson), *Vista da Baía Sul da Ilha de Santa Catarina cidade de Desterro* (1824, Charles Landseer), *Vista da Antiga cidade de Desterro* (1868, Joseph Bruggemann).

O pintor catarinense Victor Meirelles, aquele que pintou o icônico quadro da Primeira Missa no Brasil, também foi inspirado pela beleza do Cambirela. Diferente do cenário religioso que recriou, em 1861, o artista, nascido em Nossa Senhora do Desterro (1832), tinha a paisagem diante dos olhos. No quadro *Vista Parcial da Cidade de Nossa Senhora do Desterro* (1847), o Cambirela aparece ao fundo. Nesta mesma época e com apenas 15 anos, Victor Meirelles partiu para o Rio de Janeiro onde iria estudar desenho antes de viajar para a Europa.

ATÉ MESMO
O PINTOR
CATARINENSE
VICTOR MEIRELLES
FOI ENCANTADO
COM A BELEZA
DO CAMBIRELA, O
RETRATANDO NO
QUADRO "VISTA DO
DESTERRO"

AS INCURSÕES DOS JESUÍTAS

No acervo da biblioteca do Colégio Catarinense, na Capital, encontram-se relatos e fotografias das vezes em que, na década de 40, os jesuítas levavam alunos para visitar o Cambirela. O NSC Total teve autorização para acessar a documentação do antigo Ginásio Catarinense. Escritos mostram que as atividades eram quase sempre direcionadas aos internos e funcionavam como um presente de férias. As subidas extraclasse tinham caráter educativo, pois possibilitavam aprender sobre geografia e ciências naturais, além de estimular o espírito de equipe, o apreço pela natureza e a superação pessoal.

O registro mais antigo que se tem de uma subida ao Cambirela, com data de 1934, foi publicado na edição quinzenal do jornal "O Apóstolo", de 1º de outubro de 1937. O trecho do artigo intitulado "Devaçar se vai ao longe" é assinado pelo padre Arnoldo Bruxei, onde descreve que a altura equivale a cinco vezes e meia a do Morro da Cruz. Pelo texto, os passeios teriam sido realizados entre 1934 e 1936.

Já em 1º de janeiro de 1942, padre Roberto Rambo publica o artigo: "A subida ao Cambirela".

"Dia 23 de junho de 1941, às 4.30min da madrugada. 16 rapazes corajosos e 5 escolásticos embarcam no ônibus do Ginásio. Noite cerrada. Céu estrelado. Em rápida corrida, entre gritos e cantigas alegres que alarmavam cães e gatos e talvez estorvavam o sono abençoado da gente, passam os 21 por São José, Palhoça, Ariritú, e chegam à ponte do Cubatão e ao pé do Cambirela. Noite ainda. Acordamos o "guia-vaqueano" que deveria mostrar-nos o caminho - digo mal - abrir-nos uma picada pelo mato e a alta capoeira até o tope. Gastamos na subida quatro horas batidinhas. Seria

impossível chegar ao alto, sem o vaqueano que ia adiante com um "baita" dum facão abrindo brecha. Depois do mato entramos na capoeira alta com samambaias de 2 a 3 metros de altura, emaranhados de cipós capins, troncos derrubados, pedras, penhascos. Existe lá um capim "danado", muito cortante que se gruda à pele, corta uma lasca e -decerto- depois a come! ... A crista do monte 2º mede em certos trechos só 6 a 8 metros de largura. De ambos os lados há abismos horrendos. Mudos e extasiados admiramos o panorama indizivelmente belo; qual imenso mapa em alto relevo espriava-se diante do nosso olhar uma das mais lindas regiões do nosso lindo Brasil: as baías do norte e do sul, a Ilha de Santa Catarina toda com seus 50 kms de extensão, desde a barra do sul, a ponta dos Naufragados, o farol, Pântano do Sul, a planície da Armação, Campeche com o campo de aviação, a base naval com seus hangares, a pitoresca Capital e a majestosa Ponte Hercílio Luz, montes, vales, até a ponta norte da Ilha com Canasvieiras e o ancoradouro dos navios transatlânticos. Ao pé do Cambirela serpeia o Cubatão que pela pouca queda descreve figuras bem esquisitas. São José, Palhoça, Santo Amaro, a "Pedra branca" com sua rocha a pique de 400 metros, todo este grandioso cenário se fecha pela serra de Angelina que alcança quase 1.000 metros de altura"

A FILHA DO GUIA

Entre as dezenas de imagens, localizamos a de Maneca, pai de Maria Irene, no facão em punho. Atualmente, a família do homem mora aos pés do Cambirela, em Palhoça, na Grande Florianópolis e próximo a BR-101.

A rodovia, antes chamada de BR-59, foi aberta em 1970. A história do município remete à agricultura familiar e à pesca, principalmente na Enseada do Brito, região onde se estabeleceram imigrantes açorianos. O desenvolvimento do lugar está associado à agricultura de caráter familiar, com engenhos de farinha e olarias. Hoje, na mesma base palhocense do Cambirela, existem restaurantes, borracharia e posto de combustível.

— Dona Maria Irene, conhece esse homem com chapéu e um facão na mão, em estilo espada, que sobe o Cambirela? — a repórter pergunta à senhora sentada no sofá da casa localizada na área rural de Santo Amaro da Imperatriz, na Grande Florianópolis.

A resposta é convincente:

— Sim, é meu pai. A família tinha um sítio na região do Furadinho, bem nos pés do morro, e ele muitas vezes subia. Não só quando o avião caiu, mas também para auxiliar os padres do colégio — diz dona Maria Irene Santos de Macedo.

No retrato, possivelmente feito por uma máquina fotográfica Rolleiflex dos jesuítas do Colégio Catarinense, está Manoel Silva Sales, o Maneca. Filha do segundo casamento do pai, Maria Irene guarda apenas lembranças das histórias contadas pelo agricultor já falecido:

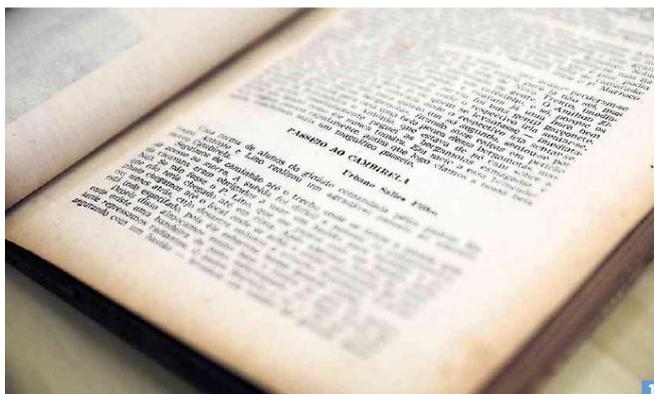
— Meu pai plantava mandioca, feijão e milho no pé do morro. Mas também ganhava alguma coisa abrindo picadas para levar as pessoas lá no alto — diz.

Foi pela fotografia publicada no Facebook do Colégio Catarinense que Maria Irene, ao confrontar com a foto do seu próprio casamento, reconheceu o pai, um dos primeiros guias não-indígena do local.

>> SEGUE >>

1 Texto que compõe o acervo do Colégio Catarinense e diz respeito às viagens de alunos ao Cambirela

2 Maria Irene vê com sorriso no rosto a foto do pai, "Seu Maneca", desbravador do Cambirela



A QUEDA DE AVIÃO NA DÉCADA DE 1940

Acidente com aeronave da Força Aérea Brasileira (FAB) no Cambirela, em 1948, entrou para a história como o então maior desastre aeronáutico do país e até hoje tem perguntas sem respostas

Por mar ou terra, o Morro do Cambirela, na Grande Florianópolis, sempre serviu de referência geográfica. Da mesma forma, aos aviadores que no início da década de 1920 aterrissaram em Santa Catarina com seus frágeis hidroaviões, procedentes de grandes capitais, como Rio de Janeiro e Buenos Aires. Mas uma tragédia que teve como palco o Morro marcou os anais da aviação nacional.

No rigoroso inverno de 1949, o Cambirela entrou para as manchetes. Sem o advento da televisão, rádios, jornais e revistas noticiaram ao mundo a queda de um avião matando 28 pessoas, sendo seis tripulantes e 22 passageiros. Naquela tarde chuvosa de 6 de junho, o Douglas, DC-3 C-47, do 2º Grupo de Transporte (2º GT) da Força Aérea Brasileira (FAB), voava do Rio de Janeiro com destino a Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, tendo feito escalas em São Paulo, Curitiba e Florianópolis.

Setenta e cinco anos depois, ainda permanecem dúvidas sobre o que teria causado a colisão com o morro e a consequente explosão. A única certeza é que o Cambirela foi palco do então maior desastre aeronáutico do Brasil.

— As condições de visibilidade não eram boas, o vento era forte e depois de deixar o aeroporto a aeronave seguia em

altitude baixa. Foi quando a asa direita bateu na rocha da encosta (mais tarde denominada Pedra da Bandeira), a cerca de 800 metros, partindo em vários pedaços, e prendendo fogo. Labaredas tomaram conta do precipício coberto pela densa vegetação — conta Silvio Adriani Cardoso, autor do livro O Último Voo do C-47 2023, o desastre aéreo que abalou o Brasil.

Antes de ser adquirida pela FAB, a aeronave bimotor, de fabricação norte-americana, foi usada na Segunda Guerra Mundial. Além de transportar passageiros, explica o autor do livro, o avião carregava vacinas e correspondências do então Correio Aéreo Nacional.

O corte da comunicação com a torre de controle da Base Aérea de Florianópolis deu-se às 14h daquele dia 6 de junho. A localização só ocorreu às 9h da manhã seguinte. Depois de quase oito décadas, Cardoso lembra das dificuldades enfrentadas para se chegar ao lugar da tragédia:

— O local era de acesso muito difícil, sendo gastos três dias para o resgate dos corpos. Foi preciso contar com a ajuda de moradores próximos que melhor conheciam a região — recorda.

Cardoso, um apaixonado pela aviação, é guia credenciado para atuar no Parque Estadual da Serra Tabuleiro, atua na sina-

lização, conscientização, limpeza e manutenção dos degraus que facilitam os acessos e garantem maior segurança e redução de acidentes nas trilhas.

Em 2018, ele e amigos recolheram algumas peças que ainda se encontravam no local do acidente. Assim como pequenos objetos, como botões dos trajes dos militares, e que foram levados para um museu na cidade de Tijucas.

— O acidente foi uma coisa muito triste, pois acabou com a vida de muitas pessoas e enlutou famílias. A aviação brasileira se aprimorou muito e hoje é reconhecida no mundo — observa o autor do O Último Voo do C-47 2023, o desastre aéreo que abalou o Brasil.

Caixões com as vítimas do voo C-47



JORNAL A GAZETA, ARQUIVO HISTÓRICO

Silvio Adriani Cardoso, autor do livro "O Último Voo do C-47 2023"



NSCTOTAL.COM.BR

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (20.07 – 26.07.2024)

Capa e Política

“Santa Catarina, o epicentro da direita”

Santa Catarina, o epicentro da direita / Conservadorismo / Adriano Duarte /
UFSC

POLÍTICA

Como Santa Catarina
se tornou o epicentro da
direita nos últimos anos

PÁGINAS 10 A 12

>> REPORTAGEM | POLÍTICA

SANTA CATARINA, O EPICENTRO DA DIREITA

Ao atrair eventos com nomes como de Jair Bolsonaro e Javier Milei, SC se torna o eldorado do conservadorismo no país. Mas, afinal, como o Estado se transformou no principal núcleo de alavanca aos discursos de políticos atrelados à direita radical no Brasil e na América Latina?

DAGMARA SPAUTZ
dagmara.spautz@nsc.com.br

Um forte esquema de segurança, com gradis, ocupa o Hotel Mercure, na área mais movimentada da Avenida Atlântica, em Balneário Camboriú. Uma pequena multidão se aglomera ao redor. Subitamente, os celulares são apontados todos na mesma direção e uma onda de fãs, aos gritos, cerca Jair Bolsonaro (PL), que caminha ao lado do governador Jorginho Mello (PL).

A cena da chegada do ex-presidente ao hotel na região central de Balneário Camboriú, no dia 6 de julho, ajuda a explicar por que os Bolsonaro fizeram de Santa Catarina um refúgio. Naquele fim de semana, a cidade e o Estado se tornaram o epicentro da direita brasileira, na edição tupiniquim do autodenominado “maior congresso conservador do mundo”, que tinha como um dos organizadores o filho zero-três do ex-presidente, Eduardo Bolsonaro.

No line-up, nomes como o do presidente argentino Javier Milei, Michelle Bolsonaro, e o próprio Jair Bolsonaro. Para acompanhar as palestras, os apoiadores pagaram ingressos de R\$ 249. Entre eles havia desde empresários até estudantes do Ensino Médio, seguidores do deputado federal e influencer Nikolas Ferreira. Alguns também puderam jantar com o ex-presidente, ao preço nada módico de R\$ 5 mil por pessoa. Inclusive candidatas da chamada direita tradicional, ávidos pela união do bolsonarismo – uma bênção que, em SC, virou salvaguarda e passaporte para a disputa nas urnas.

A chamada “direita moderada” no Estado aprende rapidamente que o efeito Bolsonaro pode causar em uma eleição. Em 2022, além de Jorginho, o bolsonarismo também elegeu a maior bancada de Santa Catarina no Congresso. São seis deputados do PL e um senador. O ex-presidente fez 3 milhões de votos no Estado no segundo turno em 2022 – quase 70% dos votos válidos, contra 30% de Lula.

Em 2018, candidatos tradicionais da direita já haviam sido “engolidos” pelo tsunami bolsonarista, e o Estado elegeu um desconhecido coronel do Corpo de Bombeiros governador. Carlos Moisés, no entanto, nunca caiu nas graças do então presidente, que preferia não ter candidato ao governo de SC naquela eleição. A relação azedou de vez após falas críticas do então governador ao bolsonarismo – e o resultado foi devastador. Chamado de traidor, Moisés não conseguiu sequer ir ao segundo turno em 2022.

Não é à toa que o governador Jorginho Mello não perde as oportunidades de renovar o carimbo bolsonarista a cada encontro com o ex-presidente. Mesmo que isso envolva encerrar às pressas uma missão em Dubai para participar de uma manifestação convocada por Bolsonaro, como ocorreu em fevereiro deste ano.

A sugestão de sediar o congresso con-

servador em Balneário Camboriú foi da deputada federal Julia Zanatta (PL), e levou em consideração questões logísticas, como a estrutura do Expocentro e a proximidade de dois aeroportos, Navegantes e Florianópolis. Mas também a identidade “à direita” de Santa Catarina.

— Santa Catarina é o Estado mais bolsonarista, super à direita, então é a vitrine do conservadorismo — disse Eduardo Bolsonaro.

Acompanhado de Bolsonaro no voo para Santa Catarina, o senador Jorge Seif profetizou: “Já, já pousaremos em solo sagrado”. A participação no congresso foi a 14ª viagem de Bolsonaro ao Estado. Mas a repercussão do evento e a predileção dos Bolsonaro leva a um questionamento: seria SC, de fato, o epicentro da direita no país?

Para Guilherme Russo, cientista político e diretor de Inteligência e Insight na Quaest Consultoria e Pesquisa, a resposta é sim, e não.

Apesar da votação estrondosa para Bolsonaro, o eleitor catarinense não foi o que mais votou no ex-presidente nas duas últimas eleições presidenciais. Acre e Mato Grosso, por exemplo, tiveram percentuais maiores. O que torna o papel de SC tão relevante para o movimento de direita, na opinião de Russo, é a tendência de uma parte dos eleitores catarinenses à direita radical, menos tolerante com as minorias, e muito mais barulhenta:

— Proporcionalmente, dentro dos estados, Santa Catarina é onde tem maior prevalência de uma direita radical.

SE HÁ UM CONSENSO NA POLÍTICA DE SC, DA DIREITA À ESQUERDA, É QUE O ELEITORADO CATARINENSE É CONSERVADOR. MAS, NA HISTÓRIA RECENTE, HOVE UM MOMENTO “FORA DA CURVA”

UM ESTADO CONSERVADOR

Se há um consenso na política de SC, da direita à esquerda, é que o eleitorado catarinense é conservador. Mas, na história recente, houve um momento “fora da curva”. Em 2002 o Estado deu uma vitória histórica a Lula, com 66% dos votos válidos. Foi a maior votação estadual do petista. A relação de amor, no entanto, durou pouco.

— Houve a virada do Mensalão, a criação dos programas sociais, que passaram a repercutir em estados do Nordeste e do Norte do país. Isso começa a ser emplacado, e o cenário muda de forma muito rápida. Tem um realinhamento (do eleitorado) entre 2002 e 2006. Lula passa a ter mais votos no Nordeste e menos no Sudeste e Sul.

Bolsonarista, a deputada federal Caroline de Toni (PL) avalia que houve uma ruptura entre o que o eleitor catarinense esperava, e o que a esquerda entregou. Presidente da Comissão de Justiça da Câmara dos Deputados, ela foi a deputada mais votada de Santa Catarina nas últimas eleições.

— Com o passar dos anos do governo, os catarinenses viram que o governo da esquerda não combina com os valores tão defendidos e tão caros para nós. A exemplo do desarmamento, do aborto, da destruição de valores, da família, de demarcações de terras indígenas, da defesa por movimentos como MST, da promoção de benefícios assistencialistas. Quando surge Bolsonaro, na defesa das pautas que nós são caras, armamento, vida, defesa da propriedade e das liberdades, valorização do trabalhador, dos empreendedores, vindo na contramão de Lula e da esquerda, o catarinense depositou seu voto de confiança.

Russo diz que o sentimento de antipetismo, que ganhou força no Mensalão, explodiu no impeachment de Dilma Rousseff. Naquela altura, o fenômeno foi reforçado por um viés antipolítica, uma repulsa aos partidos de forma geral.

— Esse sentimento contra as elites é fundamental para entender o bolsonarismo e a direita radical. Bolsonaro incorpora, ao mesmo tempo, o sentimento antipetismo e antissistêmico.

Carol de Toni diz que a bancada catarinense na Câmara tem refletido a tendência conservadora do eleitorado – mesmo entre os deputados de centro.

— O PL na Câmara tem 93 deputados, é a maior bancada da Câmara, em segundo lugar, a Federação PT/PCdoB/PV tem 81. Apesar disso, em SC temos apenas 2 deputados do PT, mesmo com tanta polarização. Apesar de, em inúmeras votações, os deputados de centro votarem com o governo, nas pautas de costume os dois deputados petistas ficam sozinhos nas votações. Demonstrando que sim, a bancada catarinense reflete essa identificação.

“SC NÃO É FASCISTA”

Segundo deputado federal mais votado de SC, eleito pela quarta vez para a Câmara, Pedro Uczai (PT) se sente incomodado com a pecha que o Estado ganhou Brasil afora, de um oásis da extrema direita — o que repercute em Brasília.

— As pessoas se impressionam quando sabem que fui o segundo mais votado. SC não é um estado fascista e nem de extrema direita. Em 2018 a extrema direita avançou, em 2022 também, mas o campo democrático popular foi para o 2º turno — afirma, ao lembrar que a disputa para o governo de SC se deu entre Jorginho e o petista Décio Lima.

Uczai avalia que a extrema direita soma 17% do eleitorado catarinense, o que corresponde à estimativa da Quaest.

— Mas eles fazem barulho — diz.

A análise é semelhante à do pesquisador Adriano Duarte, professor da UFSC:

— Não vivemos num estado fascista, mas num

estado que momentaneamente tem uma forte tendência conservadora — afirma.

Essa tendência pode ser influenciada, nos próximos anos, pelo que o jornalista Thomas Traumann e o cientista político Felipe Nunes chamam de “calcificação” no livro *Biografia do Abismo*, lançado em 2023 pela editora Harper Collins. Eles afirmam que o fenômeno brasileiro não é uma polarização, mas uma calcificação de posições políticas que faz com que as escolhas e os debates deixem de ser racionais, e sejam afetivos.

É por isso que denúncias de corrupção envolvendo o ex-presidente Jair Bolsonaro não provocam a mesma reação que, no passado, o Mensalão e a Lava-Jato provocaram em uma parcela do eleitorado em relação ao PT.

Pedro Uczai acredita que se trata de um fenômeno temporário.

— O que vai mudar esse cenário é o governo

federal fazer como foi no ano passado, com investimento e entregas. Seguiremos criticando a extrema direita porque eles escolhem um inimigo, atuam com violência, mentira, ódio. Esse jeito de fazer política tem setores conservadores que não concordam. Defender a democracia vai além, é resolver os problemas enquanto eles alimentam a intolerância e o ódio. Por isso vão enfraquecer — avalia.

No entanto, Guilherme Russo, da Quaest, não vislumbra esse cenário a curto prazo.

— Candidatos mais à direita serão eleitos novamente, certamente teremos uma representação de vereadores bem radical à direita nas próximas eleições em Santa Catarina. Está claro que esta força de direita radical não vai embora nos próximos anos, e o fato de termos o governo Lula fortalece esse sentimento antipetista, mantém esse grupo validado.

CONSERVADORISMO NA HISTÓRIA E NO DNA DE SC

A identificação de uma parcela do eleitorado catarinense com uma direita radical é histórica. O pesquisador Adriano Duarte, da UFSC, lembra que SC foi um dos três estados em que o integralismo brasileiro mais reverberou nos anos 1940, junto com São Paulo e Bahia. Por aqui, os camisas verdes conseguiram conquistar, por exemplo, Joinville, com Aristides Largura. Organizador da Ação Integralista Brasileira em todo o Norte e Nordeste de SC, ele representava para o eleitorado não apenas um representante do radicalismo político, mas o enfrentamento às oligarquias e aos industriais. Uma espécie de antissistema.

— SC sempre foi conservadora. Mas a adesão ao integralismo não era porque se parecia com o nazismo. Era visto como uma alternativa política à dominação das oligarquias. O Partido da Ação Integralista reunia a classe trabalhadora. Oferecia a eles uma inserção que os outros não ofereciam.

Ele aponta três hipóteses que, antes e agora, ajudam a explicar por que a direita radical encontrou espaço para reverberar em SC. A primeira delas é o declínio da pequena propriedade, que sempre foi a base da atividade agrícola, diferente de outros estados brasileiros. De 1995 a 2017, 18% das pequenas propriedades rurais familiares desapareceram, enquanto a área agrícola cultivada, no mesmo período, aumentou 10%.

— São dois fenômenos: SC está deixando de ser o paraíso da pequena propriedade e a concentração da propriedade está se acelerando. Quem perde o acesso à terra faz o quê? Ou se torna assalariado no meio rural ou migra para as cidades. Mas em ambos os casos suponho que a raiva aumente e que alguém será responsabilizado por aquilo que é vivido como uma perda.

A segunda hipótese levantada pelo pesquisador está embasada em um estudo da antropóloga catarinense Giralda Seyferth, que criou a noção de colono-operário, avaliando especialmente a região Nordeste do estado nos primórdios da industrialização. Ela concluiu que as famílias numerosas e a pequena propriedade empurravam, entre o plantio e a colheita, uma parte dos colonos para o trabalho industrial. Significa que o trabalho na indústria não era a primeira fonte de renda, e isso não criou um sentimento de classe.

A terceira hipótese diz respeito à identificação que o catarinense tem com uma noção idealizada da “herança europeia”.

— Isso aparece na propaganda de seguidos governos municipais e estadual. É como o estado de SC se apresenta no cenário nacional e se vende na indústria do turismo. As pessoas começaram a acreditar que são mais alemãs, mais brancas, mais trabalhadoras, menos miscigenadas.

Guilherme Russo diz que outro fator que estimula a adesão à direita radical é a recente crise econômica, que o Brasil enfrentou a partir de 2014. É nos momentos de crise que os eleitores buscam soluções mais radicais e precisam de “inimigos”.

— O Brasil não é a maior ilha do mundo, estamos ligados aos movimentos internacionais. Nos últimos 40 anos, o crescimento dos movimentos de extrema direita tem a ver com as transformações do capitalismo, a falta de alternativas. As pautas ideológicas, que mantêm os grupos altamente mobilizados, são simples de compreender. São uma resposta ao medo. Num mundo mais complexo, a extrema direita parece apontar uma solução fácil para problemas que não são fáceis — finaliza Adriano Duarte.

A RELAÇÃO DE BOLSONARO E DO BOLSONARISMO COM SANTA CATARINA, E ESPECIALMENTE COM BALNEÁRIO CAMBORIÚ, NÃO DEIXA DE SER CURIOSA. AFINAL, NÃO É O PRIMEIRO PRESIDENTE A CAIR NAS GRAÇAS DA DUBAI BRASILEIRA. O PRECURSOR FOI O GAÚCHO JOÃO GOULART, O PRESIDENTE DEPOSTO PELOS MILITARES ACUSADO DE SER “COMUNISTA”. JANGO TEVE UM CASO DE AMOR COM BALNEÁRIO, ONDE PASSOU MUITOS VERÕES EM FAMÍLIA. A IMAGEM DELE, AO LADO DOS DOIS FILHOS, FOI ETERNIZADA EM UM MONUMENTO NA PRAIA CENTRAL. A AMIZADE COM JANGO TAMBÉM MARCOU O DESTINO DO PRIMEIRO PREFEITO DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ, HIGINO PIO, QUE FOI DEPOSTO, PRESO E ASSASSINADO NA ESCOLA DE APRENDIZES MARINHEIROS, EM FLORIANÓPOLIS, EM 1969.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

20/07

[Conselho de Administração da Embrapii anuncia novo presidente e diretor](#)

[“Kamby-reya”: Série de reportagens mostra as memórias e personagens do Morro do Cambirela](#)

21/07

[Ação educativa integra as atividades do Julho Verde do HU-UFSC com foco na Prevenção do Câncer de Cabeça e Pescoço](#)

[Atual queimada pode mudar para sempre o bioma do Pantanal](#)

[Conselho de Administração da Embrapii anuncia novo presidente e diretor](#)

[Do nascimento às incursões: as histórias que permeiam o Morro do Cambirela](#)

[Liderados por ameaças, SC registrou 17 casos de violência política em 2023](#)

[Liderados por ameaças, SC registrou 17 casos de violência política em 2023](#)

[‘Pioneira’: emoção marca formatura da primeira turma de Medicina da UFSC Araranguá](#)

[Primeira feira canábica do Litoral de SP é realizada em Santos com palestras, exposições e shows](#)